

Digitalizado :Karmitta
http://semeadoresdapalavra.forumeiros.com/

Não usar para fins comerciais
2012

Dedicatória

"Dedico este livro a Loyde Emerich Boechat, mulher piedosa, bondosa, amiga e conselheira. Sua vida tem sido uma inspiração para minha vida. Seu amor um bálsamo para o meu coração. Suas orações instrumentos de bênção em meu ministério".

PREFÁCIO

Fiquei muito feliz diante do desafio de apresentar este precioso livro do Rev. Hernandes, meu amado pastor há 22 anos. Ele é um homem simples, de vida crista equilibada e de uma cultura extraordinária. E estimado e admirado no meio evangélico dentro e fora do Brasil como um eloqüente pregador do Evangelho e um habilidoso e profícuo escritor. Conheci o Rev. Hernandes ainda bem jovem, e, nesse tempo ele já demonstrava um conhecimento bíblico admirável. Ouço semanalmente as suas mensagens e vejo como Deus, pela Sua graça, o usa como um valoroso instrumento para levar vidas a Cristo e edificar a Igreja. A sua vida referenda o seu trabalho, pois tem sido um modelo e paradigma para todos quantos o conhecem. Agora, por

RUTE - Uma perfeita historia de amor

meio de seus mais de quarenta livros publicados, abençoa milhares de pessoas em todos os quadrantes da nossa Pátria e além fronteiras.

Tive grande alegria de ler os originais deste seu mais novo livro. Observei atentamente o seu estilo direto, seus pensamentos claros, seus conceitos profundos e sua mensagem irretocavelmente bíblica. Cada palavra, pensamento e lição têm uma aplicação prática. Estou certa de que estamos sendo premiados com este precioso livro: *Rute, uma perfeita história de amor.* Verdadeiramente, esta é uma obra fantástica, cujos ensinos vão encher sua alma de esperança e conduzir seus passos rumo ao triunfo, ainda que agora você esteja pisando um caminho crivado de espinhos.

A leitura deste livro, que ora apresento, convenceu-me de que sua mensagem é oportuna, urgente e assaz necessária. Este livro, fruto de um laborioso trabalho exegético e pastoral do autor, nos quatro capítulos e 85 versículos do livro de Rute, oferece ferramentas preciosas para ajudá-lo a enfrentar vitoriosamente as lutas e adversidades da vida.

Os tempos modernos não são nada diferentes dos tempos passados. Vivemos as mesmas crises de outrora. O livro de Rute, portanto, é extremamente atual. A Palavra de Deus jamais envelhece nem fica obsoleta. A mensagem deste precioso livro é um tônico para a alma, um bálsamo do céu para todos aqueles que estão vivenciando as lutas da caminhada pessoal, familiar e cristã.

Meu profundo desejo é que os mesmos benefícios que este livro produziram no meu coração alcancem também a sua vida e a sua família. Esta é a minha oração!

Aurenice Silva Medeiros

Uma introducao ao livro de Rute

(Rt 1.1)

O livro de Rute é um a perfeita história de amor.
Ele é um dos mais belos romances da Bíblia. E uma das jóias mais ricas e encantadoras de toda a literatura mundial; é um livro inspirado que encerra lições magníficas.
Leon Morris o chama de "a história perfeita".
David Atkinson o denomina uma "história de encanto e deleite".
Warren Wiersbe o chama de "uma história de amor".
John Peter Lange diz que esse livro que tem apenas 85 versículos é como um jardim engrinaldado de rosas perfumadas, cuja beleza e conteúdo jamais podem ser suficientemente enaltecidos.

A. W. Weiser cita o que disse Goethe: "O livro de Rute é a mais bela obra completa em escala reduzida, que nos foi dada como um tratado ético e um idílio". Ele também cita o veredicto de R. Alexander Schroeder: "Nenhum poeta do mundo escreveu um conto mais belo".

5 O livro de Rute exalta o amor e a virtude de uma mulher moabita. O livro fala da oportunidade de reconciliação para todas as nações estrangeiras que buscam abrigo debaixo das asas do Deus vivo (2.12). Em Boaz e Rute, os israelitas e gentios são personificados. Nada além do amor e da fé pessoal de Rute foi exigido dela para encontrar abrigo sob as asas do Deus de Israel.

O livro de Rute é a história de um drama familiar. Antonio Neves de Mesquita diz que o livro de Rute nos coloca face a face com um drama de família.

Nesse dramasurgem vários problemas:

— o problema da crise financeira
— o problema da imigração
— o problema da doença
— o problema da morte
— o problema da viuvez
— o problema da pobreza
— o problema da amargura contra Deus

Ao mesmo tempo, o livro de Rute nos fala sobre:

— a força da amizade
— a beleza da providência
— a recompensa da virtude

O livro de Rute é uma história cheia de emoções profundas, em que se destacam o poder do amor e a vitoriosa providência divina. Nesse sentido, este livro é um contraste com o livro de Juizes, que trata de guerras e contendas; o de

Rute, porém, trata de amizade e amor. No livro de Juizes, o julgamento de Deus está mostrando à nação de Israel a loucura do pecado; no livro de Rute, o amor e a virtude estão sendo recompensados. Na verdade, o livro de Rute trata a respeito de Deus. Ele é a personagem principal desse precioso livro.

Vale ressaltar que em uma sociedade dominada pelos homens, as personagens centrais desse romance são duas mulheres que desafiaram a crise e agiram com fé na providência divina. A primeira era uma judia idosa, pobre, viúva e sem filhos; a outra, uma gentia viúva que se apegou à sua sogra e se converteu ao Deus de Israel.

Além de oferecer-nos abençoadoras lições morais e espirituais, esse livro é um tributo divino às mulheres, verdadeiras heroínas em tempos de crise. Há dois livros da Bíblia com nomes femininos. O primeiro é Rute, uma gentia que se casa com um judeu e se torna a ancestral do rei Davi e do próprio Messias (Mt 1.5). O segundo livro é Ester, uma judia que se casa com um gentio para salvar o seu povo de uma grande tragédia.

Autoria e data do livro de Rute

Não sabemos ao certo quem foi o escritor desse livro. A maioria dos estudiosos, entretanto, o atribui a Samuel.

Leon Morris diz que o estilo literário e lingüístico de Rute se parece muitíssimo com o livro de Samuel.

O Talmude,escrito no segundo século da era cristã, atribui esse livro também a Samuel.

Josefo, por sua vez, coloca o livro nos tempos de Eli, quando ainda não se conhecia Davi.

Concordamos com a visão de Antonio Neves de Mesquita, que coloca esse livro no fim do período dos juizes, pois o seu escritor já tinha conhecimento de Davi como rei de Israel.

Um tempo de instabilidade econômica, moral e espiritual (1.1)

O livro de Rute foi escrito no período mais turbulento da história de Israel, o período dos juizes. Esse foi um longo período, de aproximadamente 350 anos, que começou depois da morte de Josué e só terminou com a coroação do rei Saul.

Nesse tempo, o povo israelita viveu como um elevador, ora caminhando para cima, ora para baixo. O povo alternou sua vida oscilando entre sua rebeldia contra Deus e a volta para Ele. A instabilidade política, o colapso moral e a infidelidade espiritual foram as marcas distintivas desse tempo.

Na verdade, a volta para Deus era superficial, pois o povo só buscava a Deus para se ver livre de suas angústias, mas, logo que a mão de Deus se manifestava trazendo o livramento, o povo voltava a se rebelar contra o Altíssimo. O povo buscava a Deus por aquilo que podia receber dEle. Eles não estavam interessados em Deus, apenas neles mesmos; buscavam a Deus com propósitos egoísticos. Eles não queriam Deus, apenas as bênçãos de Deus. A vida deles estava centrada neles mesmos, e não em Deus. Viviam de forma antropocêntrica, e não teocêntrica. Ricardo Gondim diz que, dentro dessa anarquia, a história de Rute surgiu como uma espécie de refrigério, de sopro suave, de calma e de bonança, em meio a um delírio de tempestade.

David Atkinson fala sobre três fatores que têm desafiado a fé na providência divina hoje como nos dias dos juizes: outros deuses, uma cultura dividida e o problema do mal. Vamos analisar esses três fatores:

Em primeiro lugar, *os outros deuses*. Os cananeus da Antiguidade, assim como muitos povos de hoje, pensavam

que a religião era a chave da prosperidade. Visto que a economia era predominantemente agrícola, a prosperidade passava inevitavelmente pela fertilidade da terra. Ela devia produzir abundantes colheitas e rebanhos férteis. Na crença cananita, o deus Baal era o dono da terra e aquele que controlava a sua fertilidade. O ciclo regular da natureza e a fertilidade do solo eram devidos às relações sexuais entre Baal e sua companheira Astarte. Como os homens sempre buscam imitar os deuses, os cananitas pensavam que a prosperidade era resultado dos rituais compostos de relações sexuais orgíacas praticadas nos santuários de Baal. Homens e mulheres se alistavam no serviço dessa divindade pagã e copulavam livremente com os adoradores femininos e masculinos nesses santuários pagãos edificados nos altos. Os israelitas, por sua vez, acreditavam que a prosperidade era resultado da obediência à aliança firmada com Deus, conforme descrito em Levítico 26 e Deuteronômio 28. Com o tempo, porém, os israelitas foram sendo seduzidos pela fascinação dessas crenças pagãs, e muitos acabaram se prostrando diante desses deuses.

Nos dias atuais, Baal recebe uma nova roupagem. A busca da prosperidade, à parte dos princípios de Deus, é a religião mais procurada em nosso tempo. A crença de que alcançaremos a prosperidade se nos submetermos às políticas monetárias, às leis do mercado, ao comércio livre e à globalização encontra muitos adoradores e devotos. A busca desenfreada do ter e o sacrifício dos valores morais absolutos nessa corrida ensandecida não são apenas uma questão econômica, mas religiosa. O fascínio pelo deus da prosperidade é a religião que ganha mais adeptos em nossa geração.

Em segundo lugar, *uma cultura dividida.* Nos dias dos juizes, o povo israelita vivia rodeado pela religião

Um tempo de instabilidade econômica, moral e espiritual (1.1)

O livro de Rute foi escrito no período mais turbulento da história de Israel, o período dos juizes. Esse foi um longo período, de aproximadamente 350 anos, que começou depois da morte de Josué e só terminou com a coroação do rei Saul.

Nesse tempo, o povo israelita viveu como um elevador, ora caminhando para cima, ora para baixo. O povo alternou sua vida oscilando entre sua rebeldia contra Deus e a volta para Ele. A instabilidade política, o colapso moral e a infidelidade espiritual foram as marcas distintivas desse tempo.

Na verdade, a volta para Deus era superficial, pois o povo só buscava a Deus para se ver livre de suas angústias, mas, logo que a mão de Deus se manifestava trazendo o livramento, o povo voltava a se rebelar contra o Altíssimo. O povo buscava a Deus por aquilo que podia receber dEle. Eles não estavam interessados em Deus, apenas neles mesmos; buscavam a Deus com propósitos egoísticos. Eles não queriam Deus, apenas as bênçãos de Deus. A vida deles estava centrada neles mesmos, e não em Deus. Viviam de forma antropocêntrica, e não teocêntrica. Ricardo Gondim diz que, dentro dessa anarquia, a história de Rute surgiu como uma espécie de refrigério, de sopro suave, de calma e de bonança, em meio a um delírio de tempestade.

David Atkinson fala sobre três fatores que têm desafiado a fé na providência divina hoje como nos dias dos juizes: outros deuses, uma cultura dividida e o problema do mal. Vamos analisar esses três fatores:

Em primeiro lugar, *os outros deuses*. Os cananeus da Antiguidade, assim como muitos povos de hoje, pensavam

que a religião era a chave da prosperidade. Visto que a economia era predominantemente agrícola, a prosperidade passava inevitavelmente pela fertilidade da terra. Ela devia produzir abundantes colheitas e rebanhos férteis. Na crença cananita, o deus Baal era o dono da terra e aquele que controlava a sua fertilidade. O ciclo regular da natureza e a fertilidade do solo eram devidos às relações sexuais entre Baal e sua companheira Astarte. Como os homens sempre buscam imitar os deuses, os cananitas pensavam que a prosperidade era resultado dos rituais compostos de relações sexuais orgíacas praticadas nos santuários de Baal. Homens e mulheres se alistavam no serviço dessa divindade pagã e copulavam livremente com os adoradores femininos e masculinos nesses santuários pagãos edificados nos altos. Os israelitas, por sua vez, acreditavam que a prosperidade era resultado da obediência à aliança firmada com Deus, conforme descrito em Levítico 26 e Deuteronômio 28. Com o tempo, porém, os israelitas foram sendo seduzidos pela fascinação dessas crenças pagãs, e muitos acabaram se prostrando diante desses deuses.

Nos dias atuais, Baal recebe uma nova roupagem. A busca da prosperidade, à parte dos princípios de Deus, é a religião mais procurada em nosso tempo. A crença de que alcançaremos a prosperidade se nos submetermos às políticas monetárias, às leis do mercado, ao comércio livre e à globalização encontra muitos adoradores e devotos. A busca desenfreada do ter e o sacrifício dos valores morais absolutos nessa corrida ensandecida não são apenas uma questão econômica, mas religiosa. O fascínio pelo deus da prosperidade é a religião que ganha mais adeptos em nossa geração.

Em segundo lugar, *uma cultura dividida.* Nos dias dos juizes, o povo israelita vivia rodeado pela religião

Prometida. Agora, priva Israel de pão. Porque o povo apartou-se da Sua lei, Deus suspendeu a provisão. O juízo nacional enviado sobre a nação afetou a história individual dessa família.

Um tempo em que a fuga pareceu o único recurso para a crise (1.1)

A crise é uma encruzilhada, onde precisamos inevitavelmente tomar uma decisão. Uns colocam os pés na estrada na vitória, outros avançam pelos atalhos da fuga e do fracasso. Elimeleque, Noemi, Malom e Quiliom escolheram fugir, em vez de enfrentar a crise. Eles apostaram que a crise era irremediável e que o caminho da fuga era a única rota de escape. Contudo, fugir nem sempre é a alternativa mais segura e sensata. Na hora da crise, devemos olhar para Deus, em vez de mirarmos apenas as circunstâncias. Quando somos encurralados pelas circunstâncias adversas, precisamos acreditar que Deus está acima e no controle delas.
Em um tempo de fome, Abraão fugiu para o Egito e ali quase acabou com o seu casamento. Na mesma situação, Isaque foi tentado a descer ao Egito, mas Deus lhe ordenou: "Não desças ao Egito". O enfrentamento da crise é melhor do que a fuga. Fugir não é uma escolha segura. Na crise, precisamos buscar o abrigo das asas do Onipotente, em vez de buscar falsos refúgios.

Um tempo em que as crises se agigantaram (1.3-5)

A fuga de Belém para Moabe foi marcada por muitos desastres na família de Elimeleque. Buscar refúgio fora da vontade de Deus é um consumado engano. Eles foram para Moabe em busca de sobrevivência e encontraram a

morte. Eles foram buscar pão e encontraram a doença. Eles foram buscar vida e encontraram uma sepultura. A terra estrangeira não lhes deu segurança, mas um enterro.
Que tipo de crise aquela família enfrentou em Moabe?
Em primeiro lugar, *a enfermidade.* A doença é pior do que a escassez de pão. Eles saíram por causa da fome, mas não puderam fugir da doença. Elimeleque liderou sua família rumo a Moabe para fugir da fome, mas não conseguiu livrar sua família dos tentáculos da enfermidade.
Em segundo lugar, *a morte.* Elimeleque tombou em terra estrangeira. Ele morreu e deixou sua família órfã em terra estranha. A dor do luto é mais aguda do que a dor da pobreza. A escassez é menos dolorosa do que a morte. Dez anos se passaram. Malom e Quiliom casam-se em Moabe, e novamente uma luz de esperança volta a brilhar no caminho daquela família imigrante. A morte, porém, volta a rondar aquela família já marcada pelo sofrimento. De súbito, sem qualquer explicação, a vida jovem de Malom e Quiliom é ceifada em terra estrangeira. Noemi perdeu tudo: sua terra, seu marido, seus filhos, seus sonhos. Ela está velha, viúva, pobre, sem filhos, em terra estrangeira. Ela não tem filhos nem descendentes. Sua semente vai ser cortada da terra. Sua memória vai se apagar, e ela, então, passa a alimentar-se de absinto. Ela introjeta uma amargura existencial assoladora na alma. Chega mesmo a mudar de nome. Não quer mais ser chamada de Noemi, mas de Mara, que significa amargura (1.20).
Em terceiro lugar, *a viuvez.* O livro de Rute é um drama que fala da história de três mulheres que ficaram viúvas, pobres, desamparadas e sem filhos. A matriarca Noemi perdeu não apenas o marido, mas também os filhos, e
, isso em terra estrangeira. Para ela, o futuro havia fechado

as cortinas. A esperança fora enterrada na cova dos seus próprios mortos.
Em quarto lugar, *a revolta contra Deus.* Noemi, embora fosse uma mulher crente, cuja fé foi mantida intacta no Deus de Israel em terra pagã, desenvolveu uma teologia errada acerca da providência divina. Ela passou a olhar para a vida com os óculos do pessimismo. Ela não acreditava no acaso nem no determinismo cego. Sua teologia, porém, estava errada, pois pensou que Deus estava descarregando sobre ela o Seu juízo. Ela deixou de ver um plano mais elevado e um propósito mais sublime no meio da tragédia (1.20,21).

Um tempo de aprender a olhar para a vida com os olhos de Deus

O livro de Rute é um reservatório de lições magníficas que são verdadeiros tônicos para a alma. Precisamos aprender a olhar para a vida com os olhos de Deus. Concordamos com as palavras do poeta inglês William Cowper: "Por trás de toda providência carrancuda, esconde-se uma face sorridente". Confiamos plenamente no que afirmou o bandeirante do cristianismo, o veterano apóstolo Paulo: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). Vejamos a robusta teologia da soberania e da providência de Deus no livro de Rute. Destacamos algumas das suas ênfases:
Em primeiro lugar, *a providência do Altíssimo é maior do que a tragédia humana.* Deus transforma o caos em cosmos. Ele transforma vales em mananciais, nossas tragédias em cenários de esperança. Ele enxuga nossas lágrimas, acalma a nossa dor e coloca os nossos pés na estrada da mais esplêndida vitória.

Deus escreveu um dos capítulos mais lindos da História a partir da dor mais profunda de Noemi. O Eterno arrancou aquela pobre viúva do poço escuro da solidão e da pobreza e a ergueu ao nível da mais venturosa das alegrias, fazendo dela a matriarca da esperança em sua terra. Quando a nossa causa parece perdida, com Deus ela não está perdida. Quando julgamos que as circunstâncias suplantaram nossa esperança, o Deus que chama à existência as coisas que não existem nos faz triunfar no deserto das nossas crises.

Em segundo lugar, *o amor de Deus não é tribal, mas universal.* Deus prometeu abençoar todas as famílias da terra por meio de Abraão (Gn 12.3). O amor de Deus é universal, englobando todos os povos. O amor de Deus não tem fronteiras; ele inclui todos aqueles por quem Cristo verteu o Seu sangue e procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5.9).

Rute, uma moabita, foi incluída na linhagem ancestral do rei Davi e na genealogia do próprio Messias. Rute deixa seu povo, seus deuses, sua terra, sua parentela e se une a uma sogra israelita, convertendo-se ao Deus de Israel. Leon Morris assim afirma: "Rute não era simplesmente uma estrangeira. Estava unida com devoção máxima a uma sogra israelita e era, além disso, uma convertida à religião judia".2-2 Russell Norman Champlin diz que Rute foi um exemplo vivo da verdade de que a participação no Reino de Deus não depende de carne e sangue, e, sim, da obediência da fé (Rm 1.5). Rute aceitou de todo o coração o povo de Deus e o Deus do povo de Israel. Deus a aceitou e fez dela uma ancestral do próprio Salvador do mundo.

Os estudiosos chegam mesmo a pensar que o livro de Rute foi escrito para combater as tendências exclusivistas

de alguns judeus que consideravam todos os demais homens excluídos da esfera do cuidado e interesse de Deus. Esses estudiosos entendem que assim como Jesus contou a parábola do Samaritano para derrubar a prepotência e a arrogância dos judeus exclusivistas, Rute tenha sido escrito para enaltecer como heroína uma moabita que haveria de tornar-se ancestral do grande rei Davi. Há, ainda, outros estudiosos que chegam até a sugerir que o livro é um protesto contra a legislação de Esdras e Neemias quanto ao casamento misto.24 Rejeitamos essa idéia de que o livro seja uma polêmica contra Esdras e Neemias, mas enfatizamos que Rute foi aceita na congregação do povo de Deus não por ser moabita, mas por ser uma prosélita.

Champlin, enfatizando a universalidade do amor de Deus, afirma que, embora houvesse uma nação escolhida (Is 19.24), o Messias também serviria de "[...] luz para os gentios" (Is 49.6). E o povo escolhido de Israel veio à existência precisamente para tornar essa luz mais brilhante e eficaz. Os livros de Jonas e Rute, pois, atuam como se fossem os trechos de João 3.16 do Antigo Testamento.

Em terceiro lugar, *o poder do amor é mais forte do que os mais duros golpes da vida.* Esse livro é um estandarte que faz tremular no mastro da História a verdade de que o amor é mais forte do que a morte e que nem todas as águas do oceano das adversidades podem apagá-lo. O amor de Rute por Noemi é um farol que continua brilhando na História e continua lançando luz no caminho da humanidade.

Rute faz uma declaração de amor a sua sogra que transcende os mais acendrados votos de amor entre os amantes (1.16,17). Ela faz um juramento de amor a uma sogra estrangeira, velha, viúva, pobre e desamparada. Ela segue com essa sogra para um destino desconhecido sem

promessas ou garantias. O amor é o único vetor que lhe dirige os passos.

Outrossim, esse belo romance fala de forma eloqüente sobre as obrigações piedosas dentro da família. Todo o livro gira em torno da família.

Em quarto lugar, *a amizade é o fundamento sobre o qual os relacionamentos precisam ser edificados.* A amizade de Rute com Noemi é um oásis no meio do deserto. Rute e Noemi desfazem o mito de que o relacionamento entre nora e sogra é necessariamente cheio de tensão. Um dos grandes temas do livro é a amizade. A devoção que Rute tem por Noemi e o cuidado de Noemi com Rute percorrem todo o livro, diz Leon Morris.26

Rute e Noemi estabeleceram uma aliança de amor diante das circunstâncias mais adversas. Elas semearam uma na vida da outra. Elas cultivaram um relacionamento de lealdade e cuidado uma com a outra. Rute torna-se amiga e filha da sua sogra. Ela passa a ser a provedora da sogra, e a sogra, a sua conselheira. A Bíblia diz: "Em todo o tempo ama o amigo; mas é na adversidade que nasce o irmão" (Pv 17.17). Ricardo Gondim narra a triste história do ex-ditador filipino Ferdinando Marcos e sua mulher Imelda Marcos como exemplos patéticos de desprezo pela amizade. Esse casal endinheirado viveu no luxo ostensivo no palácio de Malacagnã, em Manila. Ele, político famoso, corpo atlético, caçador de leões; ela, mulher vistosa que se orgulhava da sua coleção de 1.500 pares de sapatos. Hoje, o palácio foi transformado em museu. Nos últimos dias do ditador, o palácio foi transformado em uma espécie de UTI. Em cada canto do palácio, havia um tubo de oxigênio. Ferdinando Marcos estava morrendo aos poucos. Sua cama era um leito hospitalar, e sua cadeira, um vaso sanitário

adaptado. Ele ficava sozinho dentro do palácio, com medo de todos os que estavam do lado de fora. Aquele casal que havia saqueado os cofres públicos e desviado fortunas para os bancos da Suíça blindaram todas as janelas e paredes do palácio que davam para o lado da rua. Eles não tinham amigos, somente asseclas e subalternos.2

Em quinto lugar, *a generosidade e a conduta irrepreensível sempre serão recompensadas.* O destino vitorioso de Rute foi plantado no solo da sua vida irrepreensível e do seu amor abnegado. Sua conduta ilibada e seu amor acendrado pela sua sogra abriram-lhe portas e pavimentaram o caminho da sua felicidade conjugal (2.11,12; 3.11). A abundante semeadura que Rute fez na vida de sua sogra foi recompensada. Seu casamento com um homem piedoso e rico foi a recompensa do investimento que fez na vida da sua sogra. A virtude nunca fica sem recompensa. Quem semeia, ainda que com lágrimas, colhe seus frutos com alegria. Quem semeia com fartura, com abundância faz a sua colheita. Se a recompensa não for recebida na Terra, com certeza será segura no céu.

Em sexto lugar, *uma amizade verdadeira não se desfaz na adversidade nem se enfraquece na prosperidade.* Rute não foi fiel a sua sogra apenas nos tempos de escassez e pobreza. Ela também continuou investindo na vida de sua sogra depois de ter se casado com um homem rico (4.13-17). As próprias mulheres de Belém disseram a Noemi que Rute lhe era melhor do que sete filhos (4.15). Rute não descartou sua sogra quando dela não mais precisava. Rute continuou honrando sua sogra, mesmo depois de ter um marido rico e dar à luz um filho promissor. A sua amizade não era uma relação utilitarista e conveniente. Seu amor não era apenas de palavras, mas de fato e de verdade.

Em sétimo lugar, *quando nossos recursos acabam e nos tornamos totalmente desamparados*, *Deus nos aponta um remidor.* Um dos temas centrais do livro de Rute é a redenção.28 Boaz é um símbolo de Cristo, o nosso remidor (4.9,10). Cristo nos remiu, pagou a nossa dívida e nos comprou para Ele. Agora somos Sua propriedade exclusiva. Pertencemos a Ele, e Ele, a nós. Sua provisão nos pertence. Suas riquezas são nossa herança. Sua justiça são as nossas vestes alvas.
Champlin coloca essa verdade assim:

Boaz é o grande tipo de Redentor, no livro de Rute. A redenção é o conceito central do livro. O termo hebraico correspondente, em suas várias formas, ocorre por nada menos de 23 vezes no livro. Esse termo é gaal. Boaz faz isso publicamente, à porta da cidade, diante de testemunhas.'1'

Em oitavo lugar, *as tragédias humanas jamais podem anular os soberanos propósitos de Deus.* O livro de Rute é essencialmente um livro sobre a soberania de Deus. A implicação por toda a obra é que Deus está vigiando Seu povo, fazendo acontecer a eles o que é bom. O livro é a respeito de Deus. Ele governa sobre todas as coisas e abençoa os que confiam nEle, diz Leon Morris.30
Os erros da família de Elimeleque tomando o caminho da fuga em um tempo de crise, em vez do enfrentamento da crise; a decisão de fugir da casa do pão, em vez de clamar Aquele que tem pão com fartura não anularam o soberano propósito do Eterno.
A morte de Elimeleque, Malom e Quiliom não frustrou os desígnios de Deus. A viuvez e a pobreza de Noemi não fecharam a porta da providência divina. A amargura existencial de Noemi não impediu o braço de Deus de

abrir as janelas dos céus. O casamento de Malom com uma mulher paga não frustrou o propósito do Eterno de converter-lhe a alma ao Deus de Israel e ser a avó do grande rei Davi e uma das ancestrais do Messias.
No meio de uma noite escura, Deus estava escrevendo um dos capítulos mais emocionantes da História. No meio da tragédia humana, os propósitos soberanos de Deus estavam sendo estabelecidos. Ricardo Gondim escreveu: "Espere com confiança em Deus que o desenrolar do mosaico da sua vida, por fim, terá sentido".

2 capítulo

A saga de uma Família

(Rt 1.1-22)

O livro de Rute descreve com cores fortes o drama de uma família. David Atkinson diz que o livro de Rute trata de um homem, sua família e seu destino. Lembra-nos de que o Deus das nações também está interessado nas coisas comuns relacionadas a "um" homem.32 Diz ainda o mesmo escritor que o interesse de Deus no destino de *um homem* nos dias em que julgavam os juizes deveria nos lembrar que até mesmo as nossas coisas mais comuns são significantes para Deus e se encaixam no Seu cuidado todo-poderoso.33
Na escuridão das circunstâncias adversas, essa família belemita saiu da sua terra em busca de refúgio e encontrou

a morte. Saiu da casa do pão em busca de sobrevivência e encontrou a sepultura. Eles fugiram da fome, mas não conseguiram escapar da morte.

A guisa de introdução, destacamos três pontos:

Em primeiro lugar, *quando falta liderança espiritual, o povo se desespera* (1.1). Esse episódio aconteceu nos dias em que os juizes dominavam. Os juizes eram homens levantados por Deus para serem os libertadores da nação nas épocas de opressão.3' Esse foi um tempo de instabilidade política, opressão econômica, corrupção moral e apostasia religiosa. O povo estava entregue a si mesmo. "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto" (Jz 21.25). O povo estava sem liderança e sem referencial. Embora não possamos afirmar categoricamente em que período dos juizes esse episódio tenha acontecido, C. F. Keil diz que provavelmente esse tempo de fome deu-se no período de sete anos da invasão dos midianitas, quando os produtos da terra foram destruídos (Jz 6.1-6).

Em segundo lugar, *quando a crise chega, fu gir nem sempre é a melhor escolha* (1.1). Warren Wiersbe diz que, quando os problemas surgem em nossa vida, podemos fazer uma destas três coisas: suportá-los, fugir deles ou usá-los a nosso favor. Elimeleque tomou a decisão errada quando decidiu fugir e deixar sua terra.

Elimeleque decidiu tirar sua família de Belém e tornar-se um imigrante em Moabe. Havia fome em Belém, a Casa do Pão. Belém fazia uma propaganda enganosa. Seu nome era uma mentira. Os celeiros de Belém estavam vazios. A Casa do Pão estava desprovida de pão. Havia fome na Casa do Pão.

Em vez de esperar em Deus e enfrentar a crise, Elimeleque fugiu para salvar a vida e, nessa fuga, encontrou

a própria morte. Elimeleque perdeu a vida procurando a sobrevivência; ele encontrou a sepultura onde buscava um lar. Ele poderia ter evitado os dardos da fome em Israel, mas não conseguiu evitar as flechas da morte em Moabe. Em vez de concentrar-se nas necessidades espirituais, ele concentrou-se nas necessidades físicas.38 Buscou refúgio na terra das opressões, em vez de buscar socorro debaixo das asas do Deus onipotente. Ele plantou sua casa em Moabe, e Moabe tornou-se a sua sepultura. Ele procurou a segurança dos seus filhos em Moabe, e Moabe tornou-se a cova para seus filhos.

A fuga de Elimeleque para Moabe é estranha e injustificável. Moabe ficava num planalto a leste do mar Morto, a uns oitenta quilômetros de Belém. Os moabitas eram descendentes de Ló. Eles se tornaram idólatras e, por isso, não deviam ser admitidos na congregação de Israel (Dt 2.9; 23.3-6; Jz 11.17). Os moabitas eram adoradores de Camos, um deus a quem faziam sacrifícios humanos. Além de idólatras, os moabitas também eram opressores, pois já haviam oprimido a Israel, quando Eglom, rei de Moabe, invadiu a terra dos israelitas e manteve o povo de Israel na escravidão durante dezoito anos (Jz 3.12-30). Graças a Deus que a Sua providência graciosa não é limitada pela loucura do homem! A providência divina cobre até os nossos pecados.39 Deus, na Sua providência soberana, transformou aquela saga de dor e sofrimento numa fonte de esperança para o mundo.

Em terceiro lugar, *quando falta pão na Casa do Pão*, *a solução não é abandonar a Casa do Pão, mas buscar Aquele que tem pão com fartura.* A fuga pode ser necessária em algumas circunstâncias. Por exemplo, quando se trata de enfrentar as tentações do sexo, a Bíblia nos manda fugir (2Tm 2.22).

Ser forte é fugir. José do Egito desviou-se das propostas sedutoras da mulher de Potifar e, quando esta o agarrou, ele fugiu (Gn 39.12). Contudo, em outras circunstâncias, fugir pode ser um gesto insensato e perigoso. Como vimos, Belém significa "casa do pão" ou "celeiro".40 Quando falta pão na Casa do Pão, a solução não é abandonar Belém, mas esperar a intervenção de Deus. Eles haviam perdido a dádiva do pão, mas não perderam o Doador do pão. Quando falta pão espiritual na igreja, a solução não é abandonar a Casa de Deus, mas buscar aquele que pode nos restaurar e nos dar pão com fartura.

Vamos examinar o capítulo primeiro do livro de Rute, acompanhando a saga dessa família. Seus nomes são significativos. Na maneira hebraica de pensar, saber o nome de uma pessoa é conhecer o seu caráter, conhecer a pessoa. O nome é a pessoa.41 Leon Morris diz que os nomes, nos tempos antigos, refletiam profundas convicções religiosas. Elimeleque significa "meu Deus é rei". David Atkinson acredita que há na menção desse nome uma censura à sua falta de dependência e confiança em Deus. Elimeleque liderou sua família a fugir da Casa do Pão, para uma terra idólatra, enquanto deveria ter liderado sua família a buscar a Deus no tempo de crise. Ele não viveu de acordo com seu nome.

Noemi significa "amável, encantadora, agradável". Diante das desventuras sofridas em Moabe, ao retornar a Belém dez anos mais tarde, ela trocou de nome, dizendo a seus vizinhos: "[...] chamai-me Mara; porque grande amargura me tem dado o Todo-poderoso" (1.20). Malom parece estar ligado a uma raiz cujo significado é "estar enfermo"; e Quiliom significa algo assim como "enfraquecer" ou "definhar", ou até mesmo "aniquilação".

Orfa significa "firmeza", e Rute, "amizade".45 Esses nomes retratam a vida de suas personagens.
Três verbos sintetizam essa saga: saiu (1.1), voltou (1.6) e chegaram (1.19). Vamos examinar essas três fases na caminhada dessa família.

A saída de Belém, uma escolha perigosa (1.1 -5)

Destacamos três pontos importantes para a nossa reflexão:
Em primeiro lugar, *uma família atingida pelo drama da pobreza* (1.1). A fome chegou a Belém e atingiu a todos. Possivelmente, como já dissemos, esse fato aconteceu no período de Gideão, quando os midianitas dominaram Israel e saquearam a sua terra. A opressão dos midianitas foi a vara da disciplina de Deus ao Seu povo inconstante e rebelde. Ninguém escapou dessa amarga situação. Até mesmo as famílias mais abastadas de Belém sofreram as dolorosas conseqüências desse saque impiedoso dos midianitas.
A fome chegou e ela era desesperadora. A fome atormentou a família de Elimeleque, e ele sem consultar a Deus saiu em busca de abrigo em Moabe. Victor Frankl diz que comida, e não liberdade, era o assunto principal nos campos de concentração nazistas.
Em segundo lugar, *uma família atingida pelo drama da imigração* (1.2). Elimeleque e Noemi com seus dois filhos, Malom e Quiliom, fugiram de Belém e foram para Moabe. Eles fugiram da crise, em vez de enfrentá-la. Eles buscaram abrigo em terra estrangeira, em vez de enfrentá-la em sua própria terra. Nem sempre é prudente fugir.
Fugir em tempo de crise é uma precipitação perigosa. Buscar abrigo sob as asas de outra nação pode não ser uma decisão segura. A imigração pode trazer mais dor que

alívio, mais lágrima que consolo, mais perda que ganhos, mais morte que vida. A maioria dos imigrantes ainda hoje sofre muitas perdas no âmbito familiar. Há famílias machucadas e enfermas. Tenho conversado com dezenas de imigrantes nos Estados Unidos e Canadá. O dinheiro que alguns deles ganham não compensa o fracasso da família. A segurança econômica que alcançam não tapa as brechas emocionais geradas pelo colapso da família.

Os homens estão perdendo a capacidade de enfrentar crises. É mais fácil fugir, mas também é mais perigoso. Muitos já não sabem mais administrar uma crise no casamento e preferem fugir pelas portas do fundo do divórcio. Há aqueles que não sabem lidar mais com as tensões familiares. Brigam e se separam ao sinal da primeira tempestade. Desfazem os votos de compromisso ao sinal do primeiro desentendimento. Muitos não sabem lidar com uma crise na igreja e preferem abandonar a Casa do Senhor a buscar em Deus uma solução.

Em terceiro lugar, *uma família atingida pelo drama das perdas sucessivas* (1.3-5). Em Moabe, Elimeleque, Malom e Quiliom não encontraram sobrevivência, mas a morte. A morte não respeita idade, força nem beleza. Ela leva tanto o velho quanto o jovem. Noemi ficou viúva, pobre, sem filhos e em terra estranha. Eles saíram para buscar pão e encontraram a sepultura. Saíram para fugir da crise e deram de cara com ela.

Noemi sofreu as mais profundas e sucessivas perdas. Ela saiu de Belém por causa de bens materiais, objetos. Contudo, em Moabe ela perdeu não apenas coisas, mas pessoas. Ela não perdeu apenas pessoas, mas perdeu as pessoas mais importantes da sua vida. Perdeu não apenas dinheiro, mas relacionamentos. Perdeu não apenas o

supérfluo, mas o essencial. Além de perder os três homens da sua família, Noemi ficou sem qualquer herdeiro que pudesse dar continuidade à herança deles. Seus homens morreram, e com eles os seus nomes!46
O marido e os filhos de Noemi morreram precocemente. Abraão morreu em idade avançada; Jó antes de morrer viu seus filhos, netos e bisnetos. A morte de uma pessoa jovem tem um tom de tragédia. Na perspectiva humana, a morte chegou cedo demais na vida de Elimeleque, Malom e Quiliom. Eles furaram a fila e deixaram Noemi desamparada.
Noemi enfrentou o drama da solidão em Moabe. Ela ficou sozinha em terra estranha. Ela não tinha mais idade para casar-se novamente. Não tinha mais ninguém a quem recorrer. Não tinha sequer um parente em quem buscar ajuda. Não tinha marido nem filhos. Não tinha parentes nem dinheiro. Estava absolutamente só, sem lar, sem marido, sem filhos, sem amigos, sem esperança, sem herança.
A saída dessa família de Belém em tempo de crise nos adverte sobre três questões fundamentais:

O enfrentamento das crises é melhor do que a fuga delas.

Nem todos fugiram de Belém no tempo da fome. A fuga não era a única porta de escape. Essa família precipitou-se em busca de uma solução imediata. Eles escolheram o caminho mais fácil. Contudo, esse caminho tornou-se o mais amargo, o mais doloroso. Ainda hoje, o enfrentamento é melhor do que a fuga. Os soldados de Saul, por olharem para Golias com os óculos do pessimismo, fugiram quarenta dias ensopados de medo, com as pernas bambas e com as mãos descaídas, mas Davi olhou não para a altura do gigante nem para as suas insolências, mas para a onipotência de Deus. Por isso, avançou contra Golias e prevaleceu!

Os planos humanos fora da vontade de Deus são frustrados. Tomar decisões sem consultar a Deus e sem seguir Sua orientação é fazer escolhas para o desastre. Escolher os caminhos mais fáceis na hora da crise nem sempre é a decisão mais segura. Nossa confiança precisa estar no provedor mais do que na provisão. Quando as coisas nos faltarem, precisamos nos alegrar em Deus como o profeta Habacuque (Hc 3.15-17). O dinheiro não é um refúgio seguro. Ele não nos livra da doença nem da morte.
As decisões precipitadas nos prendem por mais tempo que gostaríamos. Essa família saiu para fugir de uma crise, mas esse tempo foi mais longo do que planejaram. Leon Morris diz que o uso do verbo hebraico *gür,* "saiu", denota que o homem planejava retornar no devido tempo. E a palavra certa para designar um residente estrangeiro.4 Foi o tempo suficiente para que a enfermidade e a morte visitassem a casa de Noemi três vezes. Noemi ficou em Moabe quase dez anos (1.4b). Nesse tempo, ela colecionou perdas sucessivas, tragédias sobre tragédias.
O livro de Rute, apesar de descrever com cores fortes os desastres sucessivos que desabaram sobre Noemi, revela, também, que Deus jamais desperdiça sofrimento na vida do Seu povo. O sofrimento de Noemi parece insuportável, as circunstâncias parecem injustas e as perguntas sem resposta. Nessas horas, precisamos aprender a descansar na providência amorosa do Eterno, deixar as dificuldades nas mãos de Deus, mesmo sem receber uma resposta, sabendo que "por trás de toda providência carrancuda, esconde-se uma face sorridente".

A volta para Belém, um misto de dor e esperança (1.6-18)

Cinco verdades devem ser destacadas aqui:

Em primeiro lugar, *uma lembrança muito esperançosa* (1.6). Na Sua ira, Deus se lembra da misericórdia. A mesma mão que fere, também cura. O mesmo Deus que disciplina, também restaura. O mesmo Deus que envia a fome, envia também o pão como gesto de Sua graça. A crise não dura para sempre. No meio da crise, Deus aponta uma saída e se lembra do Seu povo para restaurá-lo. O vale da ameaça transforma-se no vale da bênção. O vale árido, o vale de Baca, o vale do choro, transforma-se num manancial. O texto bíblico diz: "Então, se dispôs ela com as suas noras e voltou da terra de Moabe, porquanto, nesta, ouviu que o Senhor se lembrara do seu povo, dando-lhe pão" (1.6). David Atkinson afirma corretamente que as notícias que Noemi recebeu não são expressas em termos como: "o tempo melhorou", ou "houve uma inversão econômica", ou "a ameaça da invasão estrangeira desapareceu". As notícias chegaram a Noemi em termos da ação do Senhor. O alimento que agora existia em Belém é entendido por Noemi como um dom de Deus.

Noemi ouviu que Deus visitara o Seu povo e creu. O fato de Deus visitar o Seu povo é a maior razão para que aqueles que estão longe voltem-se para Ele. Os grandes avivamentos espirituais aconteceram quando Deus visitou o Seu povo, e, então, os dispersos voltaram para a Casa do Pão.

Em segundo lugar, *uma despedida muito dolorosa* (1.6-14). Noemi perdeu o que havia levado para Moabe e agora está prestes a perder tudo o que encontrara em Moabe, suas duas noras. Ela está se despedindo das únicas pessoas que ainda faziam parte da sua vida. Ela está se despedindo das únicas pessoas que podiam dar-lhe uma esperança, uma descendência.

Idéia de solidão,abandono e desamparo.
As viúvas eram geralmente mencionadas
Com órfãos e os estrangeiros. Ela não tinha
filhos e não podia oferecer a felicidade
de um lar às suas noras (1.9,12,13) .
Naquele tempo, quando o irmão morria
Sem deixar descendentes, o irmão mais
Novo devia desposar a viúva para sucitar
Um descendente ao morto, para sua memória
Não ser apagada da terra . As noras de Noemi
Ficaram viúvas e sem filhos.
Noemi, porém,filhos para desposá-las.
Não apenas ela estava velha demais
para casar-se novamente, mas também,
se possível, as noras não poderiam esperar
por um marido.
gar, *uma amargura muito sofrida* (1.13).
ias sofreu perdas materiais e humanas,
eu grandes perdas espirituais. Ela se sente
Deus. Ela se vê vítima não do inimigo, mas
bui toda a tragédia que aconteceu em sua
vê Deus como seu inimigo. Ela, como Jó,
l i s é quem estava dirigindo todas as coisas
a sua vida. Ela responsabilizava Deus pela
estava com raiva de Deus. Ela era não
a velha, pobre e sem filhos, mas também
la contra Deus.
rendeu aos deuses pagãos de Moabe, mas,
lo teve uma compreensão lúcida acerca do
'la sabia que as coisas não aconteciam por
ím determinismo cego. Ela acreditava na
as, mas sua concepção de Deus estava fora
Deus como um inimigo que estava contra
ela , descarregando sobre ela a Sua mão.
Noemi estava com o coração repleto de
mágoas.ela atribuiu todo seu sofrimento
a Deus. Noemi fez cinco afirmações

pesadas acerca de Deus. Primeiro, ela afirmou em alto e bom som que Deus descarregou sobre ela a Sua mão (1.13). Segundo, ela disse graficamente que Deus lhe deu grande amargura (1.20). Terceiro, ela disse que Deus a deixou pobre (1.21). Quarto, ela disse que oTodo-poderoso a afligiu (1.21). Quinto, ela disse que Deus manifestou-se contra ela (1.21). Em quinto lugar, *uma declaração de amor muito especial* (1.14-18). Diante da insistência de Noemi, Orfa voltou ao seu povo e aos seus deuses (1.15), porém Rute se dispôs a seguir sua sogra à terra de Belém. A mesma causa induziu Orfa a ir embora, e Rute a permanecer, isto é, o fato de que Noemi já não tinha filhos, nem esposo. A primeira deseja tornar-se esposa outra vez; a outra, continuar a ser filha."10 Rute faz uma bela afirmação de fidelidade, determinação e compromisso de amor. Rute quer compartilhar o futuro de Noemi: sua viagem, seu lar, sua fé. E a promessa de uma fidelidade sincera na vida e para toda a vida. E a expressão de amor e compromisso na viagem, no lar, na família, na vida e na morte. Ela se converte ao Deus de Noemi e O invoca para firmar seu juramento."11 Destacamos aqui, alguns pontos importantes acerca do amor de Rute:

O relacionamento marcado pelo amor é mais importante do que coisas (1.14b). A Bíblia diz que Rute se apegou a Noemi. Sua amizade com a sogra não era interesseira. A relação havia sido edificada sobre o fundamento sólido do amor, e não sobre a areia movediça dos interesses. O amor é mais forte do que a morte. Nem os rios podem afogá-lo. O amor é guerreiro, é combativo, ele tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba.

O relacionamento marcado pelo amor não desiste diante das dificuldades (1.15). Rute disse a Noemi: “Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te...” (1.16). O